



Eduardo Bettencourt Pinto

## Diário dos Açores — uma companhia de gerações

*“Completando agora 150 anos de existência, uma efeméride de assinalável e extraordinária importância no contexto da imprensa diária em Portugal, reflecto na relevância que o DA tem exercido na minha vida desde os longínquos anos da infância. Ainda jovem, fui correspondente deste jornal em Angola. Foi também nestas páginas que publiquei o meu primeiro poema. Escrevi-o em 1975 e numa altura assaz confrangedora”.*

Não sei qual o rumor mais antigo — se o do mar ou das páginas do *Diário dos Açores*. Entre ambos, porém, qualquer vestígio de uma dissonância (por serem elementos transmissores de sensações diferentes) não constitui uma ambiguidade. São expressões poéticas que assumem, no meu imaginário açoriano, uma correlação indissociável e profunda, em termos afectivos, com o meu passado.

Dos anos da minha infância em Ponta Delgada deparou-me, quantas vezes, com fendas profundas no vasto e complexo espaço da memória. Mas há uma imagem que nunca perdeu os contornos e permanece intacta: a do meu tio José Rebelo.

Sentado pelos vagares da tarde na cadeira do corredor, e de costas viradas para a porta de vidros que dava para o quintal, recebia nos ombros a ténue do exterior. Macia, fosforescente, e com um reflexo verde das plantas, atravessava levemente as cortinas e deitava-se, lânguida, ao seu redor e nas páginas do jornal que lia: o *Diário dos Açores*. Aberto sobre o colo, parecia a tranquilidade do mundo — o rumor do papel entre os dedos, as palavras que balbuciava, a silhueta curvada, o cheiro grave e penetrante a tinta e transcendência.

O DA aparecia todos os dias à porta por deferência da Direcção do jornal para com o meu avô Rebelo de Bettencourt. Vivia em Lisboa e era colaborador desde 1912. Essa espécie de tradição, de uma grande delicadeza e generosidade, continuou por muitos anos após o seu passamento, em 1969, na sua ilha natal, S. Miguel.

Nessa época, o DA não tinha a configuração que tem hoje — moderno, mais extenso e abrangente. O seu formato, porém, não limitava a qualidade dos seus conteúdos nem o diminuía pelo exíguo número de páginas. Apesar de publicado numa ilha, e com todas as limitações logísticas e técnicas que isso implicava, o DA preocupava-se em ser mais do que um mero veículo propagador de notícias. Apostava, por exemplo, num jornalismo de intervenção cultural. A página literária *Letras* confirma isso. Sendo um dos colaboradores, Rebelo de Bettencourt escrevia, desde Lisboa, sobre autores de relevo na literatura e nas artes da época,

como Almada Negreiros, Santa-Rita Pintor, entre outros. Curiosamente, num dos seus textos publicado a 17 Junho 1930, exaltava assim as qualidades literárias de Fernando Pessoa: «Santa-Rita Pintor [-1919] tinha a faculdade de ver as coisas doutra maneira, exactamente como elas deveriam ser; José de Almada Negreiros tem o poder de transformar o impossível numa realidade palpável, mas Fernando Pessoa tem o dom de pensar, de reduzir a ideias todas as suas sensações. As suas imagens são ainda pensamentos, e o próprio ritmo dos seus versos é também uma série de ideias — ideias postas em música».

Nesse mesmo espaço foram publicados, com relevo, dois poemas de Fernando Pessoa. Um deles, Névoa, era inédito. Completando agora 150 anos de existência, uma efeméride de assinalável e extraordinária importância no contexto da imprensa diária em Portugal, reflecto na relevância que o DA tem exercido na minha vida desde os longínquos anos da infância.

Ainda jovem, fui correspondente deste jornal em Angola. Foi também nestas páginas que publiquei o meu primeiro poema. Escrevi-o em 1975 e numa altura assaz confrangedora. Recém-chegado à Rodésia como refugiado, descobri no país um ambiente politicamente crepuscular. Encontrei abrigo temporário num hotel modesto, trancado numa área duvidosa da cidade e que ganhava contornos de surrealismo social mal escurecia. Os meus recursos económicos eram limitadíssimos — saí de Angola com 45 dólares rodesianos. Ocioso e desmotivado, observava com indiferença as sombras oblíquas do meu quarto. Foi entre essa solidão fluvial que as palavras deram voz às minhas mãos.

Enviei o poema aos meus pais. Viviam em Ponta Delgada em consequência da descolonização.

Recebi o recorte do jornal na volta do correio. O poema tinha sido publicado no DA. A partir daí passou a fazer parte da minha mesinha-de-cabeceira durante os seis meses que vivi nesse país africano. Naquele degredo funcionava como um símbolo identitário, um refúgio perante o ruir das utopias que tão

fortemente afecta quem é idealista.

Quando regresssei a Ponta Delgada em 1976, vindo de África, tive a grata oportunidade de ler o DA diariamente. Fui acompanhando com interesse as resenções de Ruy Galvão de Carvalho. Dessa febril e cuidada actividade literária resultou a publicação de dois volumes intitulados *Antologia Poética dos Açores*, Coleção Gaivota, edições da SREC. O último volume saiu em 1982. Foi também o Dr. Ruy Galvão de Carvalho quem amavelmente escreveu o prefácio do meu primeiro livro de poemas, em 1978. Neste momento em que me faltam as palavras certas, em que me comovo, gostaria de pelo menos dei-

claro o imenso apreço que sinto por este jornal. Desde o ontem da minha infância àquilo que hoje representa para mim: um importante marco cultural, familiar e de amizade. E assim nomeio com afecto o meu padrinho, que foi um dos directores em determinada altura, Dr. Manuel Carreiro, bem como o Dr. Carlos Carreiro, seu irmão, o meu avô Rebelo de Bettencourt, Manuel Jorge (se não me falha a memória), o Dr. Ruy Galvão de Carvalho, os directores actuais Paulo Hugo Viveiros e Osvaldo Cabral, a jornalista Alexandra Narciso, os colaboradores e todos aqueles que contribuem para a continuação exemplar do *Diário dos Açores*.

### MOBILIDADE ELÉTRICA AÇORES

#### COMO CARREGAR O SEU VEÍCULO ELÉTRICO NA REDE PÚBLICA DE PONTOS DE CARREGAMENTO

Para usufruir dos Pontos de Carregamento de acesso público é necessário utilizar o cartão para a mobilidade elétrica.

**1** Adira a um Comercializador de Eletricidade para a Mobilidade Elétrica (CEME) e receba o seu cartão em casa.

**2** Dirija-se a um Ponto de Carregamento e passe o seu cartão no ecrã.

**3** Seleccione "Carregamento", escolha uma tomada e ligue a ficha ao seu veículo elétrico.

**4** Inicie o carregamento do seu veículo.

**5** Após a carga, passe novamente o cartão e seleccione "Terminar Carregamento".

**6** Retire a ficha do seu veículo elétrico.

**7** Boa Viagem!

Conduzindo os Açores ao futuro

Secretaria Regional da Energia, Ambiente e Turismo  
Direcção Regional da Energia  
direcrae@azores.gov.pt | www.azores.gov.pt/gra/veat-dre

Encontros com a Eficiência Energética

# Ponta Delgada nos 150 anos do Diário dos Açores



Por José Andrade\*

O Diário dos Açores completa agora 150 anos de publicação. É o mais antigo quotidiano do arquipélago. Conta mais de 42.000 edições. Pelas suas páginas, passa também a própria história de Ponta Delgada.

A câmara municipal reconhece e enaltece o seu contributo para a divulgação da nossa atualidade e para o arquivo da nossa memória. Foi assim em 1914, com a atribuição do nome do seu fundador, Tavares de Resende, para designação toponímica da antiga Rua da Canada. Foi assim em 1970, com a atribuição do topónimo “Rua Diário dos Açores” para comemorar o seu centenário, ainda sublinhado pela entrega de uma medalha de prata municipal.

De facto, reler o jornal Diário dos Açores é reviver a história de Ponta Delgada. Mesmo em cada quarto de século vamos encontrar curiosas memórias.

Por exemplo, há 150 anos, é instituído o Asilo de Mendicidade de Ponta Delgada e inaugurada a Igreja Paroquial da Fajã de Cima. Há 125 anos, é publicado o Decreto Autonomista de 2 de Março e eleita a primeira Junta Geral do Distrito Autónomo de Ponta Delgada. Há 100 anos, é criada a Companhia de Navegação Carregadores

Açorianos, fundado o jornal Correio dos Açores, empreendida a iluminação elétrica da cidade, constituída a Junta Autónoma do Porto de Ponta Delgada. Há 75 anos, é inaugurado o farol de Santa Clara. Há 50 anos, realiza-se a primeira Cimeira Insular em Ponta Delgada e no Funchal. Há 25 anos, é inaugurada a nova aerogare do Aeroporto João Paulo II e Mota Amaral é substituído por Madrugada da Costa na presidência do Governo Regional dos Açores.

Vale a pena recordar tantos outros episódios, mais ou menos marcantes, da nossa história coletiva comum nos seis quartéis consecutivos do percurso editorial do Diário dos Açores, que aqui celebramos.

## Há 150 anos

Em 1870, no dia 5 de fevereiro, é fundado o jornal “Diário dos Açores”, por iniciativa de Manuel Augusto Tavares de Resende.

Mas há outros acontecimentos ocorridos nesse ano em Ponta Delgada:

A 18 de janeiro, é concedido o segundo título de barão de Fonte Bela a Amâncio Gago da Câmara, de Ponta Delgada.

A 31 de janeiro, é inaugurado o teatrinho da Sociedade “Recreio Dramático”, na Rua de Santa Luzia, em Ponta Delgada.

A 1 de fevereiro, morre o conselheiro e comendador Eusébio Dias Poças Falcão, governador civil do distrito de Ponta Delgada.

A 7 de abril, António José da Rocha e Lucas da Trindade Leitão são nomeados para juízes da Relação dos Açores, em Ponta Delgada.

A 11 de abril, nasce, em Ponta Delgada, o coronel António Teixeira de Miranda, comandante militar e grande oficial da Ordem Militar de Avis, homenageado pela câmara municipal com a atribuição designação toponímica “Rua Coronel Miranda” à antiga “Rua do Saco”.

A 13 de abril, morre, em Ponta Delgada, Joaquim Manuel Fernandes Braga, professor do liceu, pai de Teófilo Braga.

A 3 de junho, José de Mello Giraldez Sampaio de Bourbon é nomeado presidente da Relação dos Açores, em Ponta Delgada.

A 4 de junho, é constituída uma comissão de micaelenses encarregue de instituir o Asilo de Mendicidade de Ponta Delgada, por alvará do governador civil, visconde Bruges, depois conde da Praia da Vitória.

A 10 de junho, é decretada a concessão do título de 1º visconde das Laranjeiras ao 2º barão das Laranjeiras, António Manuel de Medeiros da Costa Canto Albuquerque, de Ponta Delgada.

A 18 de junho, é concedido o título de 2º visconde das Laranjeiras a Manuel de Medeiros da Costa Araújo e Albuquerque, natural de São Pedro de Ponta Delgada.

A 19 de junho, nasce, na ilha da Madeira, o médico Carlos Abel Bettencourt Leça, benemérito da freguesia dos Ginetes.

A 16 de julho, é inaugurada a igreja de



Largo da Graça na década de 1880



Largo da Misericórdia na década de 1890

Nossa Senhora da Oliveira, na freguesia da Fajã de Cima, construída desde 1856.

A 23 de julho, é fundado, em Ponta Delgada, o jornal “Écco Michaelense”.

A 28 de julho, morre, em Angra, o bispo D. Frei Estavam de Jesus Maria da Costa, que viveu em Ponta Delgada de 1840 a 1859.

A 2 de agosto, é concedido o título de barão de Nossa Senhora da Oliveira a Manuel Inácio da Silveira, de Ponta Delgada.

A 12 de outubro, é concedido o título de condessa de Fonte Bela à 1ª baronesa de Fonte Bela, Mariana Isabel de Menezes

Amorim, de Ponta Delgada.

## Há 125 anos

Em 1895, a 1 de fevereiro, o vapor inglês “Ituni” naufraga defronte das alcaçarias de São Pedro, em Ponta Delgada.

A 6 de fevereiro, é fundado, em Ponta Delgada, o bissemanário “O Comércio Micaelense”, dirigido por Manuel Jacinto da Câmara, impresso na tipografia do Campeão Popular, Rua da Graça, nº15.

A 28 de fevereiro, nasce, em Loures, António Borges Coutinho de Medeiros

Sousa Dias da Câmara, 3º marquês da Praia e Monforte por autorização de el-rei D. Manuel II, neto de António Borges de Medeiros Dias da Câmara e Sousa, natural de São José de Ponta Delgada.

A 2 de março, é publicado o decreto legislativo que concede a autonomia administrativa aos distritos dos Açores e da Madeira, assinado pelo rei D. Carlos, sendo presidente do conselho de ministros Ernesto Rodolfo Hintze Ribeiro, natural de Ponta Delgada, definindo a constituição, modo de funcionamento, competências e atribuições das juntas gerais, fazenda, orçamento distrital, contabilidade distrital, comissão distrital e câmaras municipais.

Também a 2 de março, inicia-se o funcionamento do novo farol de Ponta Delgada, substituindo o anterior destruído pelo temporal de 1894.

A 8 de março, realiza-se uma sessão solene da Câmara Municipal de Ponta Delgada, presidida por José Maria Raposo do Amaral, para celebrar a chegada do “Diário do Governo”, a bordo do paquete “Açor”, que publica o decreto autonomista de 2 de março.

A 14 de março, são atribuídas as toponímias “Largo Conselheiro João Franco” (antigo Largo do Município) e “Rua Hintze Ribeiro” (antiga Rua do Frade e Rua do Garcia), na freguesia da Matriz, em sessão extraordinária da Câmara Municipal de Ponta Delgada, como “reconhecimento pela autonomia administrativa consignada pelo Decreto de 2 de Março”.

A 18 de março, é inaugurada a Exposição Distrital de Artes e Indústrias de Ponta Delgada, realizada no Relvão.

A 28 de março, morre, em Ponta Delgada, a madre Teodora Isabel do Coração de Maria, com 100 anos de idade, a última religiosa que faleceu no convento de Santo André.

A 18 de maio, chega a Ponta Delgada o terceirense Francisco de Paula Moniz Barreto Corte Real, vindo de Angra do Heroísmo num barco feito de jornais, denominado “Autonomia”, para comemorar o decreto autonomista de 2 de Março.

A 17 de junho, são colocados o padre Manuel Furtado Fontes como cura-coadjutor da paróquia da Faã de Cima, o padre João Borges de Medeiros Amorim como

cura-coadjutor da paróquia dos Mosteiros e o padre José Furtado maia como cura da paróquia de São José de Ponta Delgada.

A 4 de julho, é redigido o testamento de Maria Isabel Gago da Câmara da Silveira, baronesa de Nossa Senhora da Oliveira, fazendo doação para a construção de dois edifícios escolares na freguesia de Nossa Senhora dos Anjos, Fajã de Baixo, para meninas, e na freguesia de Nossa Senhora da Oliveira, Fajã de Cima, para o sexo masculino.

A 13 de julho, é registado um tremor de terra em Ponta Delgada.

A 15 de setembro, é decretado o estabelecimento de uma escola de pilotagem em Ponta Delgada.

A 17 de setembro, nasce, em Ponta Delgada, o industrial e benemérito António de Medeiros e Almeida, presidente da antiga "União das Fábricas Açorianas de Alcool" atual "Sinaga" durante cerca de 50 anos, reorganizador da SATA e da Fábrica de Santa Clara, presidente da "Fundação Salazar" e patrono da "Fundação António de Medeiros e Almeida", que adquiriu e ofereceu à Junta geral a península das Sete Cidades.

A 27 de setembro - Morre, em Ponta Delgada, Tomás de Sousa Estrela, o último frade franciscano da cidade.

A 22 de outubro - Nasce, na vila da Lagoa, Herculano de Amorim Ferreira, deputado autonomista pelo círculo de Ponta Delgada, presidente da Academia das Ciências, vice-presidente da Organização Meteorológica Mundial e subsecretário de Estado da Educação Nacional.

A 19 de novembro, é publicado o decreto que aplicou ao distrito de Ponta Delgada a organização administrativa criada pelo decreto de 2 de Março, sendo eleitos oito procuradores pelo concelho de Ponta Delgada, cinco pelo concelho da Ribeira Grande, três por cada um dos concelhos de Povoação e Vila Franca do Campo e dois por cada um dos concelhos de Lagoa, Nordeste e Vila do Porto.

A 8 de dezembro, é eleita a primeira Junta Geral Autónoma do distrito, presidida por Ernesto do Canto e integrando seis procuradores pelo concelho de Ponta Delgada, nomeadamente, Francisco Pereira Ataíde, Caetano de Andrade Albuquerque, Duarte Manuel de Andrade Albuquerque, Vitoriano Sequeira, Manuel Jacinto da Ponte e António Feliciano Sousa Mariz de Andrade Albuquerque.

## Há 100 anos

Em 1920, a 5 de fevereiro, é fundado, em Ponta Delgada, o semanário "A Actualidade", dirigido por Ernesto Ferreira.

A 14 de fevereiro, é fundado, no Liceu de Ponta Delgada, o quinzenário "Voz Académica", dirigido por José Machado Raposo de Medeiros.

A 15 de março, é criada, em Ponta Delgada, a empresa armadora "Companhia de Navegação Carregadores Açorianos", acabando por ser englobada na "Empresa Insulada de Navegação" que, por sua vez, substituiu a "CTM - Companhia Portuguesa de Transportes Marítimos".

A 21 de abril, morre, na ilha Terceira, o padre Eugénio Augusto de Oliveira, reitor do liceu de Angra e prefeito do seminário diocesano, natural de Ponta Delgada.

A 30 de abril, é emitida uma portaria concedendo à companhia portuguesa "Tagus Oil C<sup>o</sup>" licença por cinco anos renováveis para estabelecer três tanques para depósito de óleos combustíveis no terreno denominado "Pedreira do Meio" das Obras Públicas de Ponta Delgada.

A 1 de maio, é fundado, em Ponta Del-



Largo da Câmara na década de 1900



Largo da Matriz na década de 1910



Largo da Camões na década de 1920

gada, o jornal "Correio dos Açores", por José Bruno Carreiro e Francisco Luís Tavares.

A 31 de maio, é emitida uma portaria determinando que a estação telegrafo-postal da Ferraria, nos Ginetes, passe a estação telefone postal.

A 5 de junho, é emitido um telegrama ao "Diário dos Açores" comunicando ter sido aprovado o projeto de lei que isenta de direitos os materiais para a iluminação elétrica da cidade de Ponta Delgada.

A 19 de junho, é emitido o edital da Câmara Municipal de Ponta Delgada fazendo a primeira chamada obrigatória do empréstimo de 400 contos destinado às obras de iluminação elétrica da cidade.

A 24 de junho, é aberto o primeiro concurso para professor de canto coral no Liceu Central Antero de Quental, em Ponta Delgada.

A 28 de junho, é emitido o edital da Câmara Municipal de Ponta Delgada abrindo concurso, por noventa dias, para o fornecimento de luz e energia elétrica na cidade.

A 21 de julho, é emitida uma representação da Associação Comercial de Ponta Delgada à Câmara Municipal, protestando

contra a construção de um hangar no Cais da Alfândega.

A 24 de julho, é encerrada a estação inglesa de telefonia sem fios do Pico do Vigário, na freguesia das Feteiras, suspendendo o serviço de receção e expedição de radiogramas.

A 2 de agosto, é apresentada uma reclamação ao Ministro da Marinha, pelos pilotos do porto de Ponta Delgada, pedindo os ordenados mensais de categoria de 180 escudos fortes para piloto-mor e 170 escudos para pilotos.

A 5 de agosto, é emitido o edital da Junta geral do distrito de Ponta Delgada dando por arrematação as obras necessárias no "manicómio do Egipto".

A 13 de agosto, é aprovada, pelo Congresso da República Portuguesa, a prorrogação, por mais 20 anos, do regime para o fabrico do açúcar em Ponta Delgada, a contar de 1921.

A 22 de setembro, nasce, em Ponta Delgada, o professor e jornalista Luciano Mota Vieira, cavaleiro da Ordem do Rei Leopoldo da Bélgica e comendador da Ordem de Mérito.

A 25 de setembro, é emitido um telegrama ao "Diário dos Açores", comunicando ter sido autorizada a compra dos aparelhos destinados ao Observatório Meteorológico de Ponta Delgada.

A 30 de setembro, é determinada a prisão dos pilotos do porto de Ponta Delgada por terem feito greve devido à escassez dos seus ordenados, sendo libertados a 3 de outubro.

A 1 de outubro, é emitido o edital do Governo Civil de Ponta Delgada convidando as praças de reserva e reformadas da Armada para servirem nos navios dos Transportes Marítimos do Estado.

Também a 1 de outubro, é emitida uma portaria atribuindo à Escola Primária Superior de Ponta Delgada o nome de "Teófilo Braga".

A 12 de outubro, é atribuído, solenemente, o nome do padre João Baptista de Valles, natural de Ponta Delgada, à escola "John B. de Valles School", na cidade de New Bedford, Estados Unidos da América.

A 13 de outubro, é emitido um telegrama ao "Diário dos Açores", comunicando que segue pelo transatlântico "Britannia" a verba destinada a "habilitar a Delegação de Saúde de Ponta Delgada à extinção da doença suspeita que tem aparecido nas freguesias de Relva e Arrifes".

A 27 de outubro, realiza-se, em Ponta Delgada, a primeira sessão da comissão do 4<sup>o</sup> centenário do nascimento de Gaspar Frutuoso.

A 1 de novembro, é lavrada a escritura de constituição da sociedade cooperativa "Auxílio Doméstico de Ponta Delgada", pelo notário Alípio Correia Lobo.

A 6 de novembro, é emitido um telegrama ao "Diário dos Açores", comunicando que o Ministro do Trabalho concedeu um subsídio de 50 mil escudos para o combate da epidemia pestosa na ilha de São Miguel.

A 10 de novembro, é publicado, no Diário do Governo, a lei que classifica Ponta Delgada como concelho de 1<sup>o</sup> ordem, aprovada em 1916.

A 18 de novembro, é emitido um telegrama ao "Correio dos Açores", comunicando ter sido aprovado, na Câmara dos deputados em Lisboa, o projeto de lei que cria a Junta Autónoma do Porto de Ponta Delgada.

A 19 de novembro, é fundado no porto de Ponta Delgada, para tomar carvão, o navio "Oltul", o primeiro de nacionalidade romena a visitar a ilha de São Miguel.

A 26 de novembro, é emitido o edital da Câmara Municipal de Ponta Delgada convidando os artistas da ilha a concorrerem aos prémios do legado do benemérito Manuel Inácio Correia.

A 28 de novembro, é destruído, por incêndio, o palco do Coliseu Avenida, em Ponta Delgada, sem provocar ferimentos nos 1.300 espetadores presentes.

A 16 de dezembro, o vapor americano "Yellowstone" naufraga na Calheta, Em São Pedro de Ponta Delgada.

A 22 de dezembro, é assinada, em Ponta Delgada, a escritura de venda do Paço (construído por Jacinto Inácio Rodrigues da Câmara e atual Escola Secundária Antero de Quental) à Junta Geral e aos municípios do distrito, com exceção do de Nordeste, pela quantia de 221.492,00 escudos, para ser paga em 25 anos.

A 27 de dezembro, é lavrada a escritura de constituição da sociedade anónima de responsabilidade limitada "Mutualista Açoreana", com sede em Ponta Delgada, pelo notário Alípio Correia Lobo.

(Continua na página 25)

(Continuação da pag. 23)

## Há 75 anos

Em 1945, a 15 de janeiro, toma posse o novo presidente da Câmara Municipal de Ponta Delgada, Duarte Manuel de Andrade Albuquerque.

A 19 de fevereiro, é benzida a capela de Nossa Senhora do Monte do Carmo, na freguesia dos Fenais da Luz, projetada pelo engenheiro Luís Gomes.

A 16 de março, morre o governador civil substituído do distrito autónomo de Ponta Delgada, comendador Jaime Hintze, na sua vivenda da Gorreana, no Porto Formoso.

A 25 de março, é transformado em jornal diário o bissemanário "Açores", fundado por Cícero de Medeiros, em Ponta Delgada.

A 25 de abril, a Câmara Municipal de Ponta Delgada delibera colocar uma lápide na casa onde nasceu Espinola de Mendonça.

A 15 de junho, é inaugurado o farol de Santa Clara, na freguesia de São José.

A 17 de junho, é ordenado presbítero Joaquim do Rego, natural da freguesia da Bretanha.

Também a 17 de junho, é inaugurada a igreja evangélica da freguesia dos Arrifes.

## Há 50 anos

Em 1970, a 2 de janeiro, a Câmara Municipal de Ponta Delgada delibera atribuir o nome de "Rua Diário dos Açores" para designação toponímica de um arruamento da freguesia de São José.

A 8 de janeiro, morre, em Ponta Delgada, a poetisa micalense Maria Isabel da Câmara Quesada.

A 15 de janeiro, a Câmara Municipal de Ponta Delgada emite um edital com vista a salvaguardar a integridade de alguns fontanários de interesse artístico existentes em diversos locais do concelho.

A 5 de março, a Câmara Municipal de Ponta Delgada autoriza a construção do cemitério israelita no terreno doado pelos herdeiros de Vasco Bensaúde.

A 12 de março, é celebrado o acordo de gemação das cidades de Ponta Delgada e San Leandro, Califórnia (EUA).

A 2 de abril, o vereador Dinis Agostinho Pimentel da Silva é designado para presidente da comissão de trânsito de Ponta Delgada e da comissão municipal de arte e arqueologia.

Também a 2 de abril, a Câmara Municipal de Ponta Delgada aprova o projeto de construção do estádio municipal, da autoria do agente técnico Guilherme António Oliveira, a implantar nos terrenos da "Mata da Doca".

Igualmente a 2 de abril, a câmara municipal proíbe a existência de enfermarias de animais, pocilgas, estábulos, currais ou cavalarias dentro da cidade de Ponta Delgada. Ainda a 2 de abril, José Maria Caetano de Matos é nomeado para médico municipal na cidade de Ponta Delgada.

A 23 de abril, a Câmara Municipal de Ponta Delgada delibera encomendar duas medalhas de prata para comemoração do centenário do "Diário dos Açores".

A 7 de maio, morre Jeremias da Costa, reitor do Liceu de Ponta Delgada, presidente da Junta Geral e governador civil do distrito autónomo.

A 29 de maio, o distrito de Ponta Delgada faz-se representar na I Cimeira Insular, realizada na cidade do Funchal, pelo governador em exercício Augusto Branco Camacho e os deputados João Bosco Mota



Cais da cidade na década de 1940



Avenida Infante D. Henrique na década de 1960

Amaral e Deodato Magalhães de Sousa.

A 23 de julho, a Câmara Municipal de Ponta Delgada delibera colocar uma placa na casa onde nasceu D. Frei Estêvão de Jesus Maria, comemorando o centenário do seu nascimento.

Também a 23 de julho, a Câmara Municipal de Ponta Delgada delibera autorizar os militares que tenham servido no ultramar a utilizarem gratuitamente os "Banhos das Alcaçarias" e o "Balneário Municipal".

A 31 de julho, a Câmara Municipal de Ponta Delgada aprova um voto de pesar pela morte de António Oliveira Salazar.

A 19 de agosto, chega a Ponta Delgada o novo governador civil do distrito, coronel Basílio Seguro.

A 3 de setembro, Luís Gouveia é nomeado para médico municipal na freguesia da Fajã de Baixo.

A 8 de setembro, morre, em Ponta Delgada, Maria da Ascensão Botelho Soares de Albergaria, cantora micalense com projeção em Itália e Brasil.

A 1 de outubro, a Câmara Municipal do Lobito comunica que deu o nome de "Rua da Cidade de Ponta Delgada" a uma artéria local, em homenagem à cidade micalense.

A 7 de outubro, é inaugurado o edifício escolar da freguesia de São Pedro, construído no âmbito do plano dos centenários.

Também a 7 de outubro, D. Humberto de Sousa Medeiros, natural da freguesia dos Arrifes, é elevado a arcebispo de Boston, a segunda diocese dos Estados Unidos da América.

A 8 de outubro, morre, em Ponta Delgada, o regente agrícola Luís Borges Bettencourt, presidente da câmara municipal.

A 14 de outubro, a árvore da borracha

do jardim António Borges, em Ponta Delgada, é declarada como monumento de interesse público.

A 15 de outubro, a Câmara Municipal de Ponta Delgada delibera executar as obras de valorização da piscina de São Pedro.

A 23 de outubro, realiza-se no Palácio da Conceição, em Ponta Delgada, a segunda fase da I Cimeira Insular, iniciada na cidade do Funchal.

A 29 de outubro, a Câmara Municipal de Ponta Delgada delibera a transferência da bomba de gasolina localizada frente ao Hotel do Infante para o passeio sul da Avenida Infante D. Henrique.

A 5 de novembro, é concedido o título de "cidadão honorário de Ponta Delgada" ao tenente-coronel José Agostinho, por deliberação da câmara municipal.

A 15 de novembro, é inaugurado o salão paroquial da freguesia da Fajã de Baixo.

A 26 de novembro, é criado o ciclo complementar misto na escola de São Pedro, na Rua da Mãe de Deus.

Também a 26 de novembro, a Câmara Municipal de Ponta Delgada delibera a transferência da estátua de José Cordeiro, até então no cemitério de S. Joaquim, para a sua atual localização na zona ajardinada da Rua Eng.º José Cordeiro, no lugar da Calheta, freguesia de São Pedro.

A 17 de dezembro, é criado o ciclo complementar misto na escola dos Milagres, na freguesia dos Arrifes.

A 21 de dezembro, Jorge Palhinha Moura é substituído por Dinis Agostinho Pimentel da Silva na presidência da Câmara Municipal de Ponta Delgada.

## Há 25 anos

Em 1995, a 2 de janeiro, Luísa Constantina, escultora natural de Ponta Delga-

da, é designada para patrona da escola do primeiro ciclo do ensino básico da freguesia de Rabo de Peixe, onde viveu.

A 23 de janeiro, morre, em Ponta Delgada, o jornalista João Silva Júnior, diretor do "Diário dos Açores" e da revista "Insulana", fundador do grupo folclórico de S. Miguel, o primeiro do arquipélago, e da "Associação para a Defesa e Investigação do Património Açoriano".

A 29 de janeiro, é inaugurada a ampliação do edifício escolar do primeiro ciclo do ensino básico da freguesia das Sete Cidades, com a nova designação de "Escola Padre José Cabral Lindo".

A 5 de fevereiro, Manuel António de Vasconcelos, deputado e fundador do jornal "Açoriano Oriental", é constituído patrono da escola primária do Pilar da Bretanha.

A 2 de março, são emitidos os selos filatélicos alusivos aos paladinos da Autonomia dos Açores, Aristides Moreira da Mota e Gil Mont'Alverne de Sequeira, naturais de Ponta Delgada.

A 22 de março, morre, em Ponta Delgada, João Bernardo de Oliveira Rodrigues, presidente do Instituto Cultural e impulsionador da Academia Musical.

A 24 de abril, é deliberada a toponímia "Rua Dr. Edmundo Machado de Oliveira", na freguesia de São José.

A 11 de maio, é inaugurada a nova aerogare do aeroporto João Paulo II, em Ponta Delgada, pelo primeiro-ministro Aníbal Cavaco Silva.

Também a 11 de maio, realiza-se na Universidade dos Açores, em Ponta Delgada, a cerimónia de doutoramento "Honoris Causa" de João Bosco Mota Amaral, presidente do governo regional, apadrinhada por Aníbal Cavaco Silva, primeiro-ministro de Portugal.

A 1 de setembro, são emitidos os selos filatélicos alusivos ao palácio Jácome Correia e ao edifício da Santa Casa da Misericórdia, em Ponta Delgada, inseridos na coleção "Arquitetura Civil Açoriana".

A 18 de setembro, é lançada, em Ponta Delgada, a moeda comemorativa do primeiro centenário da Autonomia, da autoria de Álvaro França, por iniciativa do Banco Comercial dos Açores.

A 11 de outubro, João Bosco Mota Amaral anuncia, em Ponta Delgada, o seu pedido de exoneração dos cargos de presidente do governo regional dos Açores e de presidente do PSD/Açores.

A 20 de outubro, toma posse o VI Governo da Região Autónoma dos Açores, presidido por Alberto Romão Madruga da Costa e constituído pelos secretários regionais Berta Cabral (Finanças e Administração Pública), Bento Barcelos (Educação e Cultura), Gaspar da Silva (Juventude, Emprego, Comércio, Indústria e Energia), Adolfo Lima (Agricultura e Pescas), Manuel Azevedo (Turismo e Ambiente), António Meneses (Saúde e Segurança Social) e Jaime Medeiros (Habitação e Obras Públicas), em cerimónia presidida pelo Ministro da República para os Açores, Mário Pinto.

A 11 de dezembro, realiza-se, em Ponta Delgada, o X congresso regional do PSD/Açores, com a eleição de Álvaro Dâmaso para presidente da sua comissão política regional.

\*Presidente da Comissão Municipal de Toponímia, Distinções Honoríficas e Património Cultural do Município de Ponta Delgada.

\*\*Baseado no seu livro *Concelho de Ponta Delgada, 500 Anos de História - Cronologia de Figuras e Factos (1499-1999)*



José Gabriel Ávila\*  
jgazores@gmail.com

# Luta constante em prol da liberdade e da verdade

*“Aos Estados e Governos compete apoiar os media, incondicionalmente, pois são o suporte de uma sociedade democrática e livre, onde a verdade e a justiça são objetivos prioritários. Este tem sido o grande desígnio do “Diário dos Açores” ao longo dos 150 anos de vida, que regista a história corajosa e sofrida deste povo insular e a opinião de tantos cidadãos com preocupações e anseios de um melhor porvir”.*



Li há dias uma interessante entrevista com o novo arcebispo da Diocese amazônica de Manaus, D. Leonardo Steiner, a propósito da resposta da Igreja Católica à sociedade atual.

Referindo-se à prática clerical, Steiner afirma: «Estamos acostumados a conversar, a pregar, não estamos acostumados a ouvir. Nas celebrações so-

mos nós que falamos, nas reuniões somos nós que falamos. Então, o exercício de escuta é um exercício urgente hoje, mas para isso você precisa de disponibilidade interna, porque o outro não pensa como eu. (...) Não ouvimos o suficiente as pessoas que deixam a Igreja Católica. É necessário ir a essas pessoas, ouvi-las, ouvir, ouvir, ouvir, para entender onde está o fundo do problema.»

Ora aqui está - pensei de imediato - a lógica da missão do jornalista e a chave do sucesso da informação e dos media em geral.

O jornalista é também um profissional da escuta das pessoas, investigador da realidade, dos comportamentos, saberes e verdades, um constante aprendiz e analista do processo social e dos problemas que lhe são inerentes, um perito da comunicação da verdade.

Ouvir, escutar para comunicar a realidade social, implica discernir as várias posições de grupos religiosos, sociais e políticos e apresentar a os agentes e interventores no processo social, recorrendo à crueza da verdade, à seriedade das fontes e à clareza de processos; sabendo discernir os interesses de grupos de pressão sejam eles culturais, económicos, políticos, sindicais, desportivos e religiosos, etc.

Esta é a maior dificuldade que se coloca à imprensa e aos jornalistas de hoje, confrontados que estão com a aceitação popular das “fake-news”

(notícias falsas) que destroem impunemente a dignidade e a honra de tanta gente e adulteram a verdade e os fatos. Se hoje, nas plataformas digitais campeiam os falsos informadores e os fazedores de opiniões distorcidas e parcelares, há que estar atento para fazer valer a verdade e combater a falsidade e os interesses inconfessáveis.

Vai chegar o tempo, assim o espero, em que os “falsos profetas”, “os mensageiros da mentira e da calúnia” vão deixar de ser ouvidos, porque a opinião pública vai rejeitá-los e a verdade vai vingar.

É uma luta constante da imprensa e dos jornalistas que não podem abdicar dos superiores valores da dignidade humana, da verdade, da pluralidade, da justiça, do progresso e da concórdia. Por isso mesmo é que aos Estados e Governos compete apoiar os media, incondicionalmente, pois são o suporte de uma sociedade democrática e livre, onde a verdade e a justiça são objetivos prioritários. Este tem sido o grande desígnio do “Diário dos Açores” ao longo dos 150 anos de vida, que regista a história corajosa e sofrida deste povo insular e a opinião de tantos cidadãos com preocupações e anseios de um melhor porvir.

Muitos parabéns e longa vida!

\*jornalista c.p. 239 A  
escritemdia.blogspot.com

PUB



Lopes de Araújo

# Memórias do Diário dos Açores

*“Os anos passaram e tal como outros jornais dos Açores, o Diário resistiu à concorrência da rádio e depois da televisão regionais e mais recentemente vem com sacrifício, resistindo à enorme revolução do digital que nos traz todos os jornais e todas as notícias do mundo à distância de um clique. Alguns jornais Açorianos têm infelizmente ficado pelo caminho.”*



O Diário dos Açores foi durante uma grande parte da sua longa vida, o único vespertino de Ponta Delgada. Tinha assim esse estatuto especial dos vespertinos, de verdadeiramente serem os únicos que nos fazem chegar as notícias do próprio dia, já que os matutinos reportam como se compreende os acontecimentos da véspera. E se por Lisboa entre o Popular e a Capital os lisboetas compravam o jornal para ir lendo no regresso a casa nos transportes públicos as notícias do dia, em Ponta Delgada se estávamos por casa, aguardávamos pacientemente o ruído discreto e esperado, sempre à mesma hora, do jornal metido na caixa de Correio ou deslizando na pedra por baixo da porta, no hábil manejo do distribuidor. Era o Diário dos Açores, recolhido de imediato por alguém da casa, lido primeiro pelos mais velhos já reformados ou pelas donas de casa que na altura eram muitas, depois ao serão lido de fio a pavio e passado de mão em mão pelo resto da família. Outras vezes ia o leitor ele mesmo até ao jornal e na rua frente à montra que dava para a oficina, juntavam-se as pessoas para lerem a curiosidade do obituário lá colocado minutos antes, escrito à mão no

próprio vidro.

Os anos passaram e tal como outros jornais dos Açores, o Diário resistiu à concorrência da rádio e depois da televisão regionais e mais recentemente vem com sacrifício, resistindo à enorme revolução do digital que nos traz todos os jornais e todas as notícias do mundo à distância de um clique. Alguns jornais Açorianos têm infelizmente ficado pelo caminho. Já emigrado em Lisboa, soube com enorme tristeza do desaparecimento da União de Angra do Heroísmo do meu saudoso amigo Padre Coelho de Sousa e do Telégrafo dirigido por outro amigo que bem conheci, o Senhor Rogério Gonçalves. Isso para não falar do apagar-se depois de uma vida já trémula como semanário da velha “A ilha” onde meu Pai começara as lides jornalísticas no então diário dirigido por José Barbosa. Nas ilhas todas, temos tido uma enorme riqueza de jornais ao longo dos tempos que desempenharam e desempenham, um papel único na defesa dos nossos valores, no debate das questões que nos dividem e nas causas que também nos unem, na divulgação de opiniões, de ideias e de textos de tantos Açorianos.

Um dia o então Presidente da RTP o já falecido João Soares Louro, a quem devo ter autorizado a minha transferência para Lisboa para ir estudar Direito e que foi mais tarde também um amigo, disse-me referindo-se ao jornal “O Telégrafo”:-Você é um felizardo. Nasceu na única terra do mundo onde um jornal diário ainda publica na primeira página um poema. E era verdade. O Telégrafo fazia-o e o Diário dos Açores de então também publicava não na primeira página mas igualmente com destaque poesia. Felizes dos jornais que ainda publicam poesia.

O meu saudoso Pai publicou muita da sua poesia nestes dois jornais. E na véspera da sua morte tinha como sempre passado no Diário dos Açores a deixar colaboração. Era parte da sua rotina nos seus últimos tempos de vida, a ida à Tabacaria Açoriana e a paragem na redacção do Diário dos Açores.

Do Diário guardo ainda a recordação do Carlos Tomé (foi aqui que o conheci) e que mais tarde veio a ser meu colega na televisão como jornalista e da sua escrita escurrita e perfeita. E do Manuel Jorge e do seu humor particular. E do nosso querido João Silva Júnior que foi seu Director e que quando o apresentávamos como o Decano dos jornalistas (já ia então nos oitenta mas sempre um cavalheiro e de uma enorme gentileza) acrescentava baixinho para nós (de...cano de esgoto...).

Felizmente 150 anos depois, o Diário continua vivo sempre inovando e na primeira linha da tecnologia, na senda do que já acontecera aquando do seu aparecimento conforme os relatos da época. Mantem-se vivo graças à tenacidade do seu dinâmico proprietário Américo Natalino Viveiros. Mais recentemente ganhou com a experiência, dinamismo e porque não dizê-lo desassombro e independência do meu amigo Osvaldo Cabral a quem saúdo nesta data, saudando nele toda a equipa do Diário desde os seus proprietários ao mais modesto funcionário e ao mais discreto colaborador.

Ad multos!



Américo Natalino Viveiros

# 150 anos de uma Imprensa condicionada a uma Imprensa livre mas ameaçada

Começo por citar o III Presidente dos Estados Unidos Thomas Jefferson quando em dois dos seus múltiplos pensamentos deixados sobre a liberdade e a imprensa escreveu: **“A base dos nossos governos sendo a opinião do povo, o primeiro objetivo deve ser mantê-la exacta; fosse deixado a mim decidir se deveriam ter um governo sem jornais ou jornais sem um governo, não hesitaria um momento em preferir este último”.**

Os jornais provaram e provam ainda, que podem sobreviver num regime totalitário, condicionando a sua sobrevivência aos ditames dos mandantes, mas uma democracia não sobrevive sem uma imprensa livre e sem liberdade de expressão por ela vinculada.

Thomas Jefferson em 1787 dizia que a **“Nossa liberdade depende da liberdade de imprensa, e ela não pode ser limitada sem ser perdida.”** Isto é, quando os poderes da sociedade são tentados a limitar a liberdade de imprensa é a sua própria liberdade e legitimidade que fica em causa.

O Jornal Diário dos Açores que é o jornal Diário em papel mais antigo da Região e de Portugal, depois do Diário de Notícias ter abandonado a sua edição diária impressa, nasceu a 5 de Fevereiro de 1870 em plena Monarquia constitucional. A 1 de Fevereiro de 1908 notícia o regicídio de D. Carlos I, que visitou os Açores, e relata a 5 de Outubro de 1910, o fim da Monarquia e a proclamação da República.

Seguiu-se a I República com Teófilo Braga e Manuel de Arriaga e depois a II República que durou até à Revolução do 25 de Abril de 1974. O Diário dos Açores atravessou períodos distintos e cruciais da vida política e social, e por isso é uma memória viva de século e meio da nossa história, como país e como Região.

A imprensa atravessou o período da censura e resistiu. Tornou-se livre depois do 25 de Abril e sobreviveu. Está ameaçada pelas transformações profundas que a globalização propiciou, e nos hábitos que alterou, gerando uma cultura imediatista que destrói o pensamento e a reflexão levando ao imprevisto, ao populismo, ao individualismo e à falsidade sobre factos e pessoas. Contribui ainda para tal ameaça, o incomedo que o poder democrático sente perante a liberdade de informação e de escrutínio que é requerido hoje à imprensa por ser um pulmão indispensável da Democracia. Acresce ainda o alheamento da sociedade quanto ao papel da imprensa livre e dos custos que ela comporta para que a liberdade não seja sufocada e se torne respeitada.

Durante século e meio, o Diário dos Açores acolheu nas suas páginas a opinião de ilustres colaboradores ligados às artes e letras e à economia, socialmente influentes e que pensavam e pensam o futuro. Além de todos os Jornalistas e dos seus sucessivos Directores, o Diário dos Açores impôs-se pela seriedade e pela qualidade do jornalismo que pratica.

Não é possível alinhar os nomes de tantos



colaboradores que contribuíram para o prestígio do Jornal, e correríamos até o risco de deixar injustamente alguém de fora. Não podemos porém deixar de prestar uma justa homenagem ao fundador do Diário dos Açores Manuel Augusto Tavares de Resendes, ao sobrinho Manuel Resende Carreiro que lhe sucedeu e foi Director durante 47 anos, e aos dois filhos, Manuel e Carlos Carreiro, que deram continuidade ao projecto editorial.

A todos os Directores, aos jornalistas, e ao pessoal técnico e administrativo que fizeram e fazem parte deste secular Jornal Diário dos Açores, aqui fica o nosso obrigado e reconhecimento a todos, por terem contribuído para que o Diário dos Açores se mantenha vivo, vigoroso, incomedo, independente, plural na opinião e rigoroso na informação, procurando que a razão tempore a emoção para que a liberdade de imprensa continue a ser um pilar da Democracia.



Onésimo Teotónio Almeida

# Lembranças do Diário dos Açores de há 50 anos

*“Em último recurso, fui bater à porta do vespertino (e algo vetusto) Diário dos Açores que, uma meia-dúzia de anos antes, me pregara com uma negativa a um pedido de colaboração nas suas páginas. Para espanto meu, as crónicas todas saíram, nesse mês de Outubro da concessão marcelista tolerante de uma certa liberdade de imprensa”.*



150 anos de um jornal é obra, sobretudo se a sua sobrevivência ocorre numa ilha. Todavia, quando penso que fui seu contemporâneo por mais de 1/3 desse tempo, já não parece tanto. Pelo menos é-me preferível pensar assim porque, de outro modo, datar-me-ei como dinossauro. O problema é que, enquanto o *Diário dos Açores* rejuvenesceu radicalmente perdendo de todo aquele ar de ancião que orgulhosamente ostentava nos meus tempos de jovem, agora reverteram-se os nossos papéis.

O Osvaldo Cabral, meu patricio picapedrense, pede-me uma crónica salpicada de lembranças dos tempos em que ele, ainda muito criança, via jornais espalhados sobre o balcão do café do pai no Pico da Pedra sem saber para que serviam, enquanto eu, já de barba a espigar, lá ia religiosamente lê-los para saber do mundo. Era um tormento tentar, por exemplo, decifrar as letras borradas do *Correio dos Açores*, de que eu não perdia, aos domingos, a crónica “Fumo do meu cachimbo”, do saudoso Dias de Melo. Do *Diário dos Açores*, que chegava diariamente à

tarde e não existia ao domingo, eu lia com gosto as crónicas de Lisboa do nordestense P.e Dinis da Luz; todavia confesso que o meu periódico favorito era o *Açores* (hoje *Açoriano Oriental*), por as suas colunas estarem menos ensopadas da bafienta humidade local, graças a uma aragem que lhes soprava nas colunas. Mas esse meu preferido *Açores* era o dos velhos tempos, antes de ser adquirido por um capitão donatário local que lhe aferrolhou a boca.

Num repente inesperado, uma lufada de ar fresco assolou as portas do *Diário dos Açores*. Foi na campanha eleitoral de 1969, no auge da primavera marcelista, que deu sinal para a esquerda antes de voltar para a direita, como se ironizava na altura. Com um grupo de colegas do Seminário de Angra, passei uma semana na Ribeira Quente em jeito de substituição do pároco, o padre Silvino Amaral, saído em gozo de merecidas férias, como na altura os jornais diziam na sua secção intitulada “Veraneio”.

Aqueles dias de suposto idílio na praia reudundaram numa semana de acelerada aprendi-

zagem. O contacto com uma população maioritariamente piscatória, entregue aos elementos, pobre sem nenhuns recursos e com dolorosos sinais de fome a emergirem por todos os poros, abalou-nos. Presenciar as cenas da chegada dos barcos de pesca pela madrugada, com crianças difíceis a ver se os pescadores lhes davam uns chicharinhos que pudessem levar para as mães cozinharem o almocinho da família, era de cortar a alma a qualquer mortal.

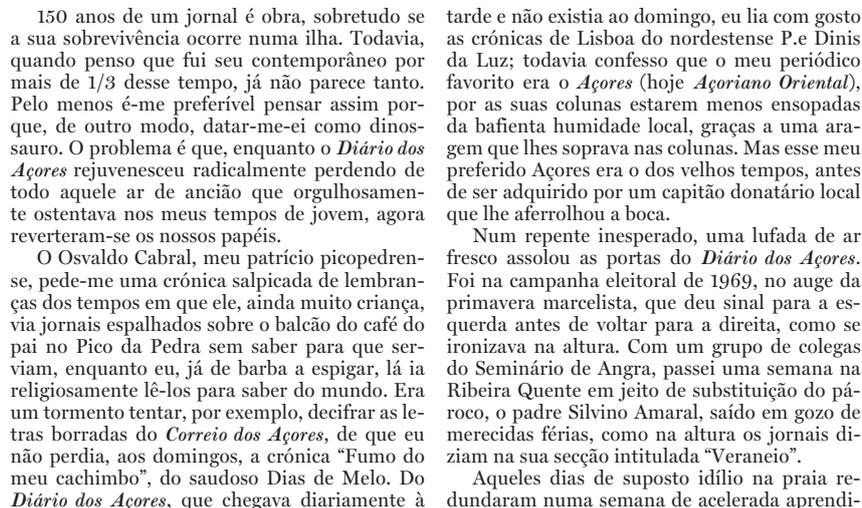
Escrevi uns artigos – oito ao todo – narrando a cru as experiências de contacto com a população local, naqueles dias ainda hoje impossíveis de apagar da memória. No fim de semana, juntaram-se-nos dois amigos mais velhos, um deles nosso professor e mentor, o padre Manuel António Pimentel; o outro, o padre António Rego, chegado de Lisboa soprando brisas com cheiros de fora. Ambos leram os meus textos e cada qual decidiu acrescentar o seu, totalizando dez crónicas. Assinámo-las todas apenas com uma variedade de iniciais, de modo a significarmos serem reflexo de impressões de olhares diversos, se bem que condicentes.

Fui bater à porta do *Correio dos Açores* (no *Açores* daqueles anos, nem pensar!), mas Manuel Ferreira, depois de relancear os olhos sobre aquelas prosas, expressou logo receios, acabando por declinar a sua publicação.

Em último recurso, fui bater à porta do vespertino (e algo vetusto) *Diário dos Açores* que, uma meia-dúzia de anos antes, me pregara com uma negativa a um pedido de colaboração nas suas páginas. Para espanto meu, as crónicas todas saíram, nesse mês de Outubro da concessão marcelista tolerante de uma certa liberdade de imprensa. Era altura de eleições parlamentares e Marcelo Caetano abriu um pouquinho a janela da liberdade.

Agora que chego aqui nesta narrativa, sou assaltado pela dúvida de já ter escrito tudo isto antes, se calhar para um aniversário anterior deste mesmo *Diário dos Açores*. Se for verdade, admito que seja grave. Pode mesmo ser sinal de começo de demência ou Alzheimer’s. O que estará em absoluto contraste com este rejuvenescido *Diário dos Açores* que avança na direcção contrária à idade. A ponto de eu hoje, opostamente ao que me aconteceu nos idos anos da década de sessenta, ter vontade de lhe apanhar os ventos e segui-lo a contra-tempo.

Muitos parabéns pelo bonito aniversário.



## Editorial



Osvaldo Cabral  
osvaldo.cabral@diariodosacores.pt

# 150 anos

Faz hoje 150 anos que um pequeno grupo de entusiastas, liderados por Manuel Augusto Tavares de Resende (1849-1892), entrava ansiosamente na Tipografia de Manuel Correia Botelho, na Rua do Provedor nº 6, para imprimir, pela primeira vez, este jornal.

Mantinhm todos uma expectativa elevada, com o natural nervosismo de um pai que vê a primeira criança a nascer, cientes de que não tinham os mesmos recursos do “Diário de Notícias” de Lisboa, em quem se tinham inspirado quando apareceu cinco anos antes.

150 anos depois cá estamos, com as mesmas expectativas e com o mesmo entusiasmo dos nossos fundadores, mas com outros recursos e dificuldades diferentes, cumprindo a senda do sucesso que muitos almejavam nesta casa e labutaram ao longo deste século e meio.

Por aqui passaram centenas e centenas de nomes que marcaram a História dos Açores nos últimos 150 anos, rumo a uma luta que não acaba aqui, em defesa dos valores dos Açores, da nossa histórica Autonomia, contra as injustiças, ao lado dos mais carenciados e num escrutínio rigoroso aos poderes constituídos.

Hoje os desafios são outros.

E o maior de todos é manter o “Diário dos Açores” na procura da verdade, sem ceder às modas globais do presente, onde impera muita desinformação e interesses obscuros.

Se ainda há quem procure veracidade nas notícias, ela só pode ser confirmada na comunicação social de qualidade, com profissionais sérios e sob o escrutínio dos reguladores.

O cenário não é igual nas redes sociais, onde é cada vez maior o número de utilizadores que consultam apenas este meio para se informarem (63% da população), sendo que a maioria não consegue distinguir as notícias verdadeiras das ‘fake news’.

Toda esta permeabilidade abre uma caixa de Pandora, em muitos sectores, mas sobretudo na política, com muitos a aproveitarem-se da ausência do escrutínio, da fragilidade dos média tradicionais e da ignorância dos leitores, para mentirem à vontade e apresentarem os seus factos sem contraditório.

Cabe à sociedade a responsabilidade de assumir a procura da verdade, exigindo da imprensa tradicional um maior investimento na formação dos seus quadros e a apresentação de provas de ‘fact checking’, que dêem maior credibilidade à esfera comunicacional.

Trata-se de um acto de cidadania e, como tal, devem os cidadãos exigir dos poderes públicos uma postura de apoio aos instrumentos que combatem a mentira.

As escolas são um dos veículos essenciais nesse combate, pelo que os média tradicionais devem colaborar assiduamente com os estabelecimentos de ensino, ajudando a uma outra interpretação do mundo, mais séria, mais factual e sem as dúvidas das redes sociais.

O fim da disciplina de jornalismo no ensino secundário foi uma das piores decisões tomadas pelo Ministério da Educação em Portugal, desqualificando ainda mais os alunos e as escolas nesta luta global.

O jornalismo de confiança tem que se impor à fluidez da desinformação que grassa nas redes e, também, nalguma comunicação social sem qualidade.

Em Portugal há um projecto inovador nesta matéria, criado pelo jornal Público já há alguns anos, denominado “O Público na Escola”, que ajuda os estudantes e professores a perceberem a importância e a linguagem dos jornais.

Devia ser replicado em todo o país, incluindo aqui nos Açores, terra histórica em matéria de jornais e comunicação, mas que tem vindo a perder influência à medida que os poderes políticos ganham mais protagonismo e afastam a imprensa do seu papel.

É também do Público, em conjunto com várias empresas nacionais, o projecto de oferecer a alunos de cursos universitários assinaturas de jornais durante um ano (Projecto PSuperior), ao mesmo tempo que promovem conferências e seminários de modo a proporcionar um debate público à volta do exercício de uma cidadania mais esclarecida e mais interventiva.

Nos EUA, a Columbia Journalism Review criou uma plataforma onde replica notícias falsas que circulam nas redes sociais, para ajudar os leitores a distin-

guire o verdadeiro do falso, alertando para o perigo das notícias falsas.

Em Portugal, a SIC Notícias criou um programa, O Polígrafo, com efeito semelhante, desmontando as notícias falsas ou a desinformação que circula na nossa esfera nacional.

Colocar o leitor frente a frente com as notícias falsas ajuda a alertá-lo para a corrente de informação que o bombardeia no dia a dia e que pode não corresponder à verdade.

Inês Amaral, professora da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, explica que a principal alteração no que toca ao consumo de notícias por parte dos jovens é na questão do acesso: “Até diria que os jovens consomem mais informação do que consumiam antes, mas o acesso passou a ser feito através do digital, das redes sociais. Agora não vem da procura por informação, mas de um acesso espontâneo”.

E é nas redes sociais que existe terreno fértil para a desinformação e notícias falsas, por não haver mediação, regras, contraditório ou confirmação.

Ao contrário, no bom jornalismo isto não é possível. Combater a corrente é sugerir que os jovens dêem mais atenção aos média tradicionais.

Tem que haver a noção de que quando se quer informação credível e fidedigna, tem que se procurar nos média tradicionais feitos por profissionais credíveis e com provas dadas no jornalismo.

É uma luta e um desafio que deve abranger toda a sociedade.

Tem sido esta a luta, também, do “Diário dos Açores” nestes novos tempos.

O Presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa, foi dos primeiros a compreender e a abraçar esta luta, lançando um repto aos outros poderes públicos, para que se juntem a esta prioridade estratégica: “Tudo o que a sociedade civil possa lançar, animar, suscitar, desde a reorganização de grupos de média, com ou sem estrutura fundacional, à mobilização de mecenato para assinaturas ou estímulos e apoios à comunicação social e, desde logo, à leitura; Passando por acção cívica com incidência no sistema tributário ou solidariedades transversais em campanhas públicas, é bem-vindo, chegando mesmo à imaginação geradora ou apoiante de novos modelos de comunicação social digital, a merecer compromisso estável de apoio por parte de fundações de referência na nossa sociedade”.

E o Presidente da República avisa os que recusam e estão em negação em relação à crise dos média, que esses vão levar com a crise em cima e em força, porque ela vai chegar a todos.

Na mensagem que escreveu para esta edição de aniversário, o Chefe de estado volta à carga: “(...) numa época, como a nossa, que tem assistido a uma crise sem precedentes da imprensa escrita, facto que, como tenho referido em diversas ocasiões, representa uma grave ameaça ao nosso modo de vida de cidadãos esclarecidos de uma democracia”.

Pôr em marcha uma série de compromissos de apoio à comunicação social não pode ser visto como uma forma de quebrar a credibilidade dos jornais, nem a perda de sua independência e pluralidade, mas um contributo para a cidadania e para uma sociedade mais livre e plural.

Num dos últimos relatórios do Reuters Digital News Report 2019 é dito que Portugal é um dos países onde os leitores mais confiam nas notícias, ocupando o segundo lugar em mais de 38 países analisados.

A imprensa regional, mais uma vez, assume um papel de relevo junto dos leitores portugueses, com um quinto deles a afirmar ter lido alguma publicação local ou regional em formato tradicional.

O relatório diz que a imprensa regional tem maior impacto na Madeira (37,3%), região Centro (21,9%), Açores (21,3%), Alentejo (18,8%) e Área Metropolitana de Lisboa (10%).

Confiar na imprensa regional é um dos maiores designios que o nosso jornal sempre perseguiu, trabalhando diariamente (agora o único quotidiano diário impresso mais antigo) para obter dos leitores essa confiança e partilha histórica de 150 anos.

Os que fazem este jornal, desde os seus proprietários a todos os seus trabalhadores, agradecem a confiança dos leitores, anunciantes e colaboradores.

A caminho de mais 150!

150 anos depois...

# O “meu” álbum de recordações



1925 – Grupo de antigos empregados: Carlos Pavão, António e José de Melo, Almada, Fernandino e Arsénio Mendonça



Por Rubens Pavão

Ao preparar esta colaboração festiva que assinala o sesquicentenário do «*Diário dos Açores*» - hoje o mais antigo jornal diário, em papel, que se publica no nosso país - rendo-me à evidência do tempo que me permitiu chegar a este feliz marco histórico ocorrido na vida portuguesa e açorina.

Não é ainda de esquecer as ligações com as comunidades de emigrantes, então estabelecidas nos Estados Unidos, onde com especial implantação em New Bedford se publicaram edições na nossa língua, bem como funcionaram estações de rádio que muito permitiram que, por largos anos, mantívéssemos uma ligação afectiva e cultural com os núcleos de emigração fixados na costa leste daquele país, num trajeto que ainda hoje se observa.

Por via de meu Pai, o «*Diário dos Açores*» foi como que a minha segunda casa de acolhimento, tal era a ligação quase familiar que sempre me ligou aos seus mais antigos directores, a muitos dos seus trabalhadores e até colaboradores, pois este Jornal teve sempre uma implantação muito grande em vários sectores da nossa sociedade, incluindo as suas forças vivas. Daí que revendo agora algumas das suas

venerandas páginas, (que guardo com especial enlevo), confirmo que o «*Diário*» mencionou desde sempre nas suas páginas o meu nome: primeiro sinalizando o nascimento, em 22 de Novembro de 1932; e, logo depois, o meu baptismo na igreja de S. José, em 25 de Dezembro, pelo pároco, Padre Adelino de Oliveira, pois era hábito, em anos que se perdem na memória, ver a vida social dos amigos, assinantes e colaboradores, merecerem sempre as honras duma notícia na secção «*Dia-a-Dia*»...

No decorrer da minha infância, tive ainda o privilégio de contactar diariamente com os dois jornais locais, pois tendo um tio, tipógrafo do «*Correio dos Açores*», (que enquanto solteiro vivia também na mesma casa da minha avó), ser habitual ouvir falar das notícias veiculadas por esses únicos meios de comunicação que aqui se publicavam e dos principais acontecimentos neles narrados quer a nível local, quer nacional e internacional, sobretudo no período difícil da segunda Grande Guerra. E, quem sabe se não foi já nesse período da minha vida que me despertou aquela vocação que só anos mais tarde vim a desvendar...?

Este Jornal foi ainda como que o meu primeiro manual de aprendizagem da leitura, pois tanto a minha avó como a minha mãe aproveitavam o meu relance de olhos pelas suas colunas, para verificar se já era capaz de juntar as sílabas e formar as palavras...

Suponho que, por volta dos meus 5 ou 6 anos, devo ter entrado pela primeira vez na sua Redacção, sempre situada na Rua da Esperança (depois denominada Rua Dr. Mont'Alverne de Sequeira), onde conheci o Patriarca da Família Carreiro, o senhor Manuel Resende Carreiro, Direc-

tor e proprietário do «*Diário*», que como seu sobrinho-neto, foi o continuador do fundador Tavares de Resende, entre 1892 e 1939.

Decerto que o encontrei em outras ocasiões, mas poucas, uma vez que faleceu quando entrei para a escola; contudo, pareceu-me ser daquelas figuras venerandas que logo à primeira vista inspirava simpatia, pois soube contrariar, em afecto, o meu natural feitio acanhado... e, quando nos despedíamos, retirando do colete uma bolsa de prata, presenteou-me com uma moeda em prata de 2\$50, o que era pouco comum para o tempo, pelo valor que representava...

Quando os seus filhos Carlos e Manuel ainda completavam em Lisboa os seus cursos superiores, era acompanhado na labuta diária do jornal por colaboradores próximos, como Manuel Pereira de Lacerda, então chefe da Redacção; e ainda um outro que conheci, Manuel de Medeiros e Câmara, que anos depois emigrou para o Brasil, mas que sempre me distinguiu com muita amizade.

Com o rolar dos anos, consultando os jornais que testemunharam a morte do senhor Manuel Resende Carreiro, pude concluir - que se ficou a dever à sua persistente acção jornalística e humanitária - o facto do «*Diário dos Açores*» ser considerado um Jornal que sempre se ocupou das causas políticas e sociais que mais afectavam as famílias, abrindo mesmo subscrições públicas sempre que o mar e a terra foram os mais trágicos obstáculos à sobrevivência do nosso povo.

Aliás essa nota de solidariedade chegou mesmo aos Estados Unidos, onde quer em New Bedford quer em Fall River se organizaram várias comissões compostas de luso-americanos, no sentido de angariar fundos para remediar algumas das situações locais.

Assim, continuando nessa trajectória humanitária, creio que nos finais da década de 40, no auge do pós-guerra, devido às limitações impostas sobretudo à população trabalhadora, registaram-se situações de pobreza, por vezes irremediáveis. Daí que em New Bedford, um grupo de conterrâneos ali residentes - encabeçado pelo nosso conterrâneo Manuel Alves, criou a Sociedade «*O Dia Micaelense*», angariando centenas de dólares que pessoalmente entregaram aos dois directores deste jornal, para serem eles a distribuir pelas pessoas e instituições mais necessitadas...

Nessa altura, a exclusão de outras partes «*mais oficializadas*» nessa partilha trouxe algumas veladas críticas, mas... tudo foi feito com base na experiência já naturalmente demonstrada por este Jornal em o ocasiões semelhantes; e, no fim, as contas foram publicadas com todo o relevo nas nossas colunas.

Continuando nesta «*Memória*», recordo ainda que, com a minha entrada, em Outubro de 1939, para a Escola Central de S. José, então situada no Campo de S. Francisco, este Jornal passou também a fazer parte dessa caminhada diária; e, então, parava por mais tempo nas oficinas tipográficas e de obras para aos poucos ir conhecendo mais de perto as pessoas que ali trabalhavam e das tarefas que se ocupavam. Daí ter alargado o âmbito das minhas amizades, que sempre resistiram a tempo e hoje, para a maioria, são só saudade!

O mais idoso de todos os trabalhadores do Jornal era o sr. Ernesto Costa, (então já naturalmente considerado como «*chefe-emérito*» das oficinas), ainda do tempo do fundador do Jornal: austero como era natural para a época, mas que me sabia esboçar sempre um sorriso...

Vim a saber que se encontrava à porta da oficina quando se apercebeu que do Campo de S. Francisco lhe soara como um tiro de pistola... e, ao correr para lá, vira um Homem já sem vida a ser levado para o Hospital, por um grupo de pessoas... era o Grande Antero que, sentado no «*Banco da Esperança*», havia posto fim à vida!

Nas férias, a minha presença no Jornal era mais assídua; e, com a boa vontade de algumas compositoras (naquele tempo o «*Diário*» era o único jornal que mantinha mulheres-tipógrafas), ajeitava-me aos altos bancos e punha-me a procurar das caixas de tipo, letra a letra, linha a linha que colocava no galeão, com vista a elaborar um pequeno texto, talvez pensado num futuro jornalinho, mas foi uma ideia que ficou apenas em pensamento...

A senhora Maria Tavares, colega quase do tempo de meu pai, era aquela que melhor me acolhia, mas com certos limites (!), pois ao querer depois distribuir os tipos na caixa de composição ao ritmo que via aos tipógrafos, empastelava-a e era

preciso recompor tudo de novo, trabalho que era feito longe das vistas do chefe João de Jesus que não tolerava outros trabalhos que não fossem os estritamente necessários à feitura do Jornal...

Recordo também a azáfama com que vi organizar as edições especiais comemorativas dos centenários de Antero e de Teófilo Braga e dos tipos muito avantajados que compunham em toda a largura da página o elogio de tão ilustres micaelenses.

A Foto Rápida sempre se encarregou de executar as gravuras que ilustraram as nossas edições, combinando meu pai com o senhor José de Melo Araújo (um artista de gravação e de desenho), os espaços que deveriam ocupar. Aliás, aquela casa esteve sempre dentro do meu imaginário de rapaz, pois gostava de ver executar os trabalhos que ali se desenvolviam, - incluindo a fotografia - durante as assíduas deslocações diárias que meu pai emprendia ao contactar o comércio local para conseguir a publicação de anúncios, uma das fontes de receita do jornal.

Também nas oficinas do Jornal recordo a figura bondosa do sr. Fernandino, pois tinha a paciência de me guardar os pedaços de papel de cor que restavam dos trabalhos de encadernação para os levar para a escola, a fim de realizar desenhos de recorte e colagem, que muitas vezes também os distribuía pelos meus colegas.

Durante o tempo que frequentei o Liceu continuei a ter assíduos contactos com o Jornal, mas mais ao nível da sua Redacção, nomeadamente com os seus directores Drs. Carlos e Manuel Carreiro, ambos revelando-se, desde sempre, como meus Mestres não só no Jornalismo, como no aperfeiçoamento linguístico, na forma isenta e correcta como as notícias deveriam ser escritas. Igualmente comecei a aperceber-me de que só assim se manteria um jornalismo correcto, merecedor da credibilidade dos assinantes e do público em geral. Desta forma creio que ampliei muito dos conhecimentos que aprendera no Liceu: das coisas da nossa terra e do mundo; do que devia ser a unidade social e política açorianas; do conhecimento dos valores do seu povo.

Também não esqueço os mais antigos colaboradores do dia-a-dia: Dr. Oliveira San-Bento, com os seus sonetos celebrativos de efemérides religiosas ou profanas; Silva Jr., com as informações referentes ao turismo e à Sociedade «Terra Nostra»; Dr. Carreiro da Costa, com as suas notas históricas e etnográficas para a sua habitual coluna de «Fim de Semanas»; e Dinis José da Silva, utilizando a máquina de escrever, mesmo na Redacção discorria a sua secção habitual «De Relance», sempre muito apreciada por denunciar aspectos de interesse local que era preciso defender.

Em Lisboa: Rebelo de Bettencourt e o Padre Dinis da Luz, constituíam uma ligação estreita com o que se passava país e no mundo, sem esquecer o teatro e outros acontecimentos culturais e religiosos. E, em artigos de reconhecida projecção da política mundial e nacional, também nunca faltava a presença semanal do Almirante Botelho de Sousa.

Outro colaborador, de imprescindível presença e que muito coadjuvava os já directores Carlos e Manuel Carreiro, foi Alcindo Coutinho, um auto-didacta, quer no jornalismo, quer ainda na comunicação com os leitores, realizando reportagens e entrevistas ainda hoje inéditas, e que muito valorizaram aquilo que considero como uma nova linha editorial do jornal. Apesar



1967 - Visita do então Bispo Humberto Medeiros às oficinas do Diário

*“O mais idoso de todos os trabalhadores do Jornal era o sr. Ernesto Costa (...). Vim a saber que se encontrava à porta da oficina quando se apercebeu que do Campo de S. Francisco lhe soara como um tiro de pistola... e, ao correr para lá, vira um Homem já sem vida a ser levado para o Hospital, por um grupo de pessoas... era o Grande Antero que, sentado no «Banco da Esperança», havia posto fim à vida!”*

de ter deixado o Jornal para seguir a via profissional de pilotagem do nosso Porto, continuou a estar sempre presente nos grandes acontecimentos aqui registados, escrevendo editoriais às vezes de crítica muito contundente sobre problemas que se ligavam com a administração pública, mas sempre de forma muito subtil para fugir à censura... mas, como não eram assinados, a responsabilidade cabia ao editor.

Ainda todos os anos eram da sua autoria a descrição global das festividades em honra do Senhor Santo Cristo, publicadas na nossa edição de 3ª feira; enfim num conjunto de acertos jornalísticos a que me fui habituando a aprender... para futuros casos em que, mais tarde, me vi envolvido.

Nesta «MEMÓRIA» revejo-me também nas paredes da Redacção recamadas de fotos numa evocação à memória de Amigos e de destacados colaboradores: Tavares de Resende, Manuel Resende

Carreiro, Manuel Pereira Lacerda, o faialense Osório Goulart, amigo pessoal de Tavares de Resende, (que já quase centenário o conheci pessoalmente), o Almirante Botelho de Sousa, o historiador Aníbal Bicudo, o Poeta Manuel Augusto de Amaral; o Dr. Aristides Moreira da Motta, o Dr. Mont'Alverne de Sequeira e o Dr. Caetano de Andrade Albuquerque, estes três últimos muito ligados aos primeiros movimentos autonomistas, aliás sempre apoiados pelo «Diário», desde a sua fundação.

Aliás, os irmãos Carlos e Manuel Carreiro nutriam uma admiração especial pela figura de Aristides Moreira da Mota, seu professor no Liceu e colaborador do Jornal e que anos depois celebrou, com uma edição especial, o centenário do seu nascimento.

Acrescento ainda, como mais uma curiosa e oportuna «Memória Autonomista» deste Jornal desde os primórdios da sua criação, os contactos pessoais que mantive com a única filha de Tavares de Resende, D. Maria do Carmo Carreiro Resende, minha explicadora particular das disciplinas de português, francês e inglês, quando nos tempos livres dessas lições, discorria sobre a sua juventude, por saber do meu relacionamento com o «Diário».

Já septuagenária - mas possuidora de brilhante memória a que aliava uma cultura humanista muito considerável - falava com muita saudade sobre os breves e felizes momentos passados junto de seu Pai, que a chamava de seu «oficial às ordens», acrescentando que na Redacção do Jornal via quase diariamente figuras como o Dr. Caetano de Andrade Albuquerque, o Conde de Albuquerque, o Visconde da Praia e tantos outros que, em tertúlia amena discutiam os novos e promissores projectos que nos viria a conduzir ao já proclamado «Governo dos Açores pelos açorianos».

Mas deixemos o que foi o meu conhecimento desse passado distante, (que em alguns casos me vi envolvido), para entrar no que chamo «o meu ciclo de vida jornalística...», no «Diário dos Açores»,

pois essa caminhada representou a minha segunda grande escola saber e de abertura ao conhecimento mais aprofundado da nossa terra, da nossa história, talvez do nosso destino como povo.

Assim, terminado o Curso Geral dos Liceus, frequentei a Escola do Magistério Primário e, após o mês de Julho de 1953, quando terminei o Exame de Estado, tinha completado 20 anos, apresentei-me «oficiosamente» aos meus Amigos, os directores do «Diário», oferecendo os meus serviços, como colaborador, na continuidade dum sonho que sempre acalentara e que sei foi, emotivamente, apoiado por meu Pai.

Aliás, antes já havia elaborado umas pequenas notícias: uma relacionada com um espectáculo de circo; outra sobre a inauguração dum pequeno bar-restaurante na nossa cidade; e ainda outras sobre os dois dos primeiros natais do Gaiato e a «Obra da Rua», ainda instalada na Quinta de S. Gonçalo.

O meu primeiro companheiro dessas lides foi o Manuel Jorge Raposo, então recém-formado em contabilidade pela Escola Industrial e Comercial de Ponta Delgada e ainda possuidor, por distinção, dum curso de estenografia.

Era um autodidacta no verdadeiro sentido da palavra, pois todo o seu trabalho de muitos anos não se limitou apenas à organização, em novos moldes, de todo o sistema da administração do Jornal, como participou activamente na sua vida redactorial em todas as suas diferentes facetas, incluindo reportagens.

Esse percurso fê-lo um jornalista de grande mérito, apreciado não só pelo que escrevia, mas ainda por uma dedicação sem limites ao Jornal, assegurando mesmo a sua publicação nos mais penosos momentos da sua vida editorial.

Pela minha parte, creio que foi com geral afeição de todos que iniciei esta nova - e bem no meu íntimo - auspiciosa tarefa de vida... mas não escondo as responsabilidades pessoais que daí poderiam advir quanto a essa nova ocupação em «part-time», aliás, que sempre sonhara...

(Continua na página seguinte)

# “Todos os dias o *Diário* procura consciencializar os seus leitores e assinantes para os grandes problemas que constituem a sobrevivência do nosso povo”

(Continuação da pág. 33)

Habituei-me a ver trabalhar junto de mim, partilhando a mesma mesa da Redacção, o Dr. Manuel Carreiro, sempre bem disposto para começar um novo dia, a que se juntava também o Dr. Carlos Carreiro, (que estava sempre em casa), trazendo vários recortes retirados dos jornais de Lisboa, sobretudo do «Diário de Notícias», fruto dum trabalho de pesquisa que por vezes ia noite dentro...

Nessa mesa e por obrigação, estava sempre presente o Dicionário e o Prontuário Ortográfico, uma espécie de «*tira teimas*» para quem escrevia, pois gralhas ou erros de sintaxe, eram coisas que estavam fora da função dum jornalista... e, como revisor, o Dr. Carlos Carreiro era muito exigente!

Daí que notícia ou reportagem que lhe passasse pela mão tinha de primar pela correcção, tanto no seu conteúdo como na sua linguagem escrita. Dizia-me muitas vezes que o Jornal era um meio de transmissão de saber, pelo que os leitores tinham o direito a merecer uma informação correcta na forma como se comunicava.

Aprendi muito com esses conselhos e, ainda hoje, primo por os seguir...

Quase sempre ao lado, na máquina de escrever, estava o Manuel Jorge, pois já tendo começado pela leitura dos jornais da manhã, iniciava a feitura das primeiras notícias, para a edição do «Diário» ou procurava a confirmação dum ou de outro caso mais em evidência.

Anos depois juntou-se a este grupo o Couto Alves, cooperando sobretudo nos trabalhos externos.

Quase sempre o Dr. Manuel Carreiro trazia de casa o editorial do dia, que lia ao Irmão, ouvindo-o sobre os prós e os contras que o seu conteúdo teria na aceitação e clarificação dos leitores, uma vez que quase sempre focava assuntos de interesse público, pondo as entidades oficiais numa atitude de alerta, que nem sempre gostavam... e, às vezes, havia que ter em conta «*as recomendações*» do oficial sensor!

Outros tempos...

A primeira grande reportagem de que fui incumbido surgiu em Setembro de 1953, a fim de acompanhar a visita a S. Miguel do Ministro do Interior, Dr. Trigo de Negreiros, um cargo governamental que era considerado como que «*os olhos e os ouvidos de Salazar*», porquanto era responsável por toda a política de administração pública, com competência para nomear ou exonerar os governadores civis.

Recordo que naquele tempo tínhamos fraquíssimas estruturas aéreas, sendo apenas a SATA, com os seus pequenos «*Doves*», a única ligação com Santa Maria e Terceira. Daí que naquela altura se levantava já a reclamada hipótese da construção dum novo aeroporto, em Ponta Delgada que servisse convenientemente os interesses de S. Miguel. E, a visita ministerial tinha precisamente a intenção política de acalmar os ânimos e definir uma posição.

Nas suas primeiras declarações à Rádio, o Dr. Trigo de Negreiros afirmou que os Açores não podiam ter três Aeroportos, mas que S. Miguel necessitava de possuir

uma estrutura capaz de satisfazer os seus interesses sociais e económicos... enfim um acontecimento que só foi resolvido muitos anos depois!

Daí por diante – e porque os horários da minha vida oficial o permitiam – assegurei a presença deste Jornal em muitas outras ocasiões, contactando com Chefes de Estado, ministros, secretários de Estado, directores gerais e entidades oficiais das mais diferentes origens.

Localmente também pude participar em numerosos eventos, quer oficiais quer particulares, o que me proporcionou ter um conhecimento o mais possível aperfeiçoado da situação político-social do distrito de Ponta Delgada e dos sectores industriais e agrícolas que o envolvia.

Enfim, creio que em todo este percurso, actualizei conhecimentos que muito úteis foram para a minha vida como cidadão, educador... e, por vezes, até político.

A Redacção do «*Diário dos Açores*» era lugar de visita obrigatória de altas entidades oficiais que aqui se deslocavam em serviço ou assumiam cargos públicos ou militares de relevo, manifestando assim uma atitude de cortesia e de respeito pelo percurso centenário do jornal em prol do interesse açoriano.

Assim conheci ainda os actores Vasco Santana, João de Vilarett, Raúl de Carvalho, Brumilde Júdice e Ales da Costa Raúl Solnado, Mariana Vilar, Carlos Wallenstein e outros.

Vitorino Nemésio, sempre que passava por S. Miguel não deixava de cumprimentar os seus amigos Carreiros, com momentos inéditos de conversa...

E, ainda por via do seu considerado quadro de redactores e de colaboradores, de tarde, quando o Jornal já iniciara a sua impressão e as primeiras edições já tinham saído para o correio – de modo a chegar todas as tardes aos seus numerosas assinantes das freguesias rurais, - de novo a Redacção era lugar de tertúlia e de amena cavaqueira sempre com a discussão dos grandes problemas da política local e até nacional.

Por vezes juntava-se o jornalista Joaquim Maria Cabral, o Padre Edmundo Manuel, o Dr. Carreiro da Costa, o Dr. Jorge Gamboa de Vasconcelos; e, se o tempo era de férias, Rebelo de Bettencourt e Padre Dinis da



Luz.

O Gustavo Moura, responsável pela secção desportiva, também por ali aparecia.

O Dr. Oliveira San-Bento estava também presente; e, ao serão, as suas conversas continuavam, quase sempre antes de passar pela Cervejaria do Eugénio Pereira para tomar um café que dizia lhe era propício ao sono...

E, a janela da Redacção continuava de luz acesa... pois o Dr. Carlos Carreiro tinha sempre mais uma prova a rever ou então procurava minuciosamente mais uma notícia para acrescentar à Secção sempre muito lida dos «*3/4 de Século*».

Acompanhei-o muitas vezes nesse trabalho, sempre entremeadado por uma agradável conversa.

Igualmente sempre me habituei a observar que a linha editorial do Jornal se pautou sempre pela defesa dos direitos da Família e da Doutrina Social da Igreja, valores sempre muito defendidos nos seus escritos pelo senhor Padre Maia. Aliás, quando o venerável Padre Cruz visitou na nossa ilha, teve sempre um apertado relacionamento com o «Diário», por via da missão quem o aqui trouxe a pedido do Bispo D. Guilherme.

Após a comemoração do centenário da sua publicação, o «*Diário dos Açores*» foi o primeiro jornal a alterar profundamente o seu parque gráfico: primeiro com a introdução do «*teletipo*» - sistema de *teletype* do inglês – que imprimia as notícias veiculadas para as edições diárias através de teclado semelhante ao de uma máquina de escrever; depois seguiu-se um outro mais moderno - «*o linótipo ou linotype* (do inglês): que compunha os caracteres a partir da fundição dos caracteres tipográficos, mas por linha inteiras. Deixou de constituir preocupação para Gil de Oliveira, então chefe das oficinas de composição, que o jornal já composto ao ser conduzido para máquina de impressão caísse e ficasse tudo empastelado...

Se bem que nem sempre fosse do conhecimento público, este jornal manteve sempre uma linha de possível independência com o poder político institucionalizado no país e no então distrito de Ponta Delgada, nunca aceitando quaisquer subsídios que lhe fossem atribuídos.

Contudo, o advento do 25 de Abril trouxe-lhe injustos dissabores, que chegou

mesmo a um premeditado assalto às suas instalações, acto abominável que foi impedido com o apoio dum leal grupo de trabalhadores de todas as secções, que passaram a noite em vigília!

O Dr. Carlos Carreiro já muito alquebrado pelo falecimento do Irmão e pela doença que o atingiu, foi conseguindo sobreviver por uns tempos, tendo falecido em 23 de Setembro de 1977.

Naquela altura e já antes já colaborava na Redacção o Duarte Xavier, (revisor e comentador cinematográfico) e ainda no apoio ao jornal à feitura do Jornal Eduarda e a Isilda (duas auto-didactas de grandes recursos na feitura dum jornal, por sinal vindas da composição). Ainda por ali passou o jovem e promissor jornalista Carlos Tomé.

Uma referência especial desejo também assinalar neste percurso – o funcionamento da sua secção de obras, sempre muito valorizado pelo trabalho dos seus tipógrafos, o que permitiu que ali se executassem várias obras literárias, nomeadamente editadas pelo Instituto Cultural de Ponta Delgada, nomeadamente as «*Saudades da Terra*» e a revista «*Insulana*», para além de outras notícias históricas e literárias.

Daquelles que ali conheci a trabalhar, penso quem um só ainda sobrevive, o Daniel Cardoso, que fixou residência no Canadá e que de vez em quando nos saudamos, pois o resto é só saudade!

Com a morte do Dr. Carlos Carreiro, o *Jornal de Família* que era o «*Diário dos Açores*» sofreu os reveses que são naturais a uma 3ª geração, se bem que a Maria Isabel filha do Dr. Manuel Carreiro tivesse durante os anos que se seguiram, assumido a sua direcção, coadjuvada pelos directores-adjuntos Silva Júnior e Eduardo de Medeiros.

Tentou, até que foi capaz - com os prejuízos naturalmente inerentes - assegurar o Jornal dentro da linha de parentesco iniciada com Tavares de Resende, mas os tempos eram outros...

Hoje a Empresa «*Diário dos Açores*» é proprietária, do Jornal com o mesmo título, assumindo a direcção o Dr. Paulo Hugo Viveiros, tendo como directores - adjuntos: primeiro, o jornalista Manuel Moniz e hoje Osvaldo Cabral.

Com esta auspiciosa mudança, o «*Diário dos Açores*» abriu novos rumos ao seu pensamento editorial, primando por ser um forte baluarte na defesa dos interesses de toda a Região.

Creio que todos os dias o «*Diário*» procura consciencializar os seus leitores e assinantes para os grandes problemas que constituem a sobrevivência do nosso povo, pois fá-lo reflectir sobre o dia que passa e o futuro que se prevê nos reserva...

Relembrar este 150 anos de vida é ter em conta que – apesar das dificuldades com que se depara hoje a sobrevivência dum órgão de comunicação social por maior expansão que tenha – o «*Diário dos Açores*» sobreviverá, porquanto os quem gerem a sua Empresa sempre estiveram interessados em prestar um dever de cidadania que, neste caso, torna indispensável a sua publicação.

Parabéns a todos que aqui trabalham e um olhar de muita saudade para aqueles nos antecederam!



Tomás Quental Mota Vieira

## Nunca mais a Rua da Esperança e a Rua “Diário dos Açores” foram as mesmas

*“Recordo sempre com saudade o ‘Diário dos Açores’ nas suas antigas instalações, na Rua da Esperança e na Rua “Diário dos Açores”, onde, no primeiro andar, as salas do director e da redacção eram pequenos museus, com fotografias de antigos directores e colaboradores e recordações diversas de um jornal que faz parte da história dos Açores.”*

Quem passava na Rua da Esperança e na Rua “Diário dos Açores”, no cruzamento entre estas duas artérias da cidade de Ponta Delgada, ouvia o ruído muito característico das máquinas impressoras precisamente do “Diário dos Açores”, que agora completa 150 anos de publicação. E, às vezes, ouvia-se, também, as conversas dos tipógrafos, na sua azáfama diária, trabalhosa e difícil. Ali eram impressos o então jornal vespertino e outros trabalhos, por encomenda ou para venda na papelaria da empresa.

Ao ouvir-se aquele ruído das impressoras, então página por página, e as conversas dos tipógrafos, sabia-se que à tarde saía o jornal, com as “últimas”. O jornal podia ser adquirido na papelaria ou por assinatura, ainda no sistema de distribuição de porta a porta. O formato era grande, com conteúdo bem redigido, sob a competente orientação do dr. Carlos Carreiro e de Manuel Jorge Raposo, eu diria um caso único de dedicação de décadas a um jornal e de lealdade à família proprietária, que o considerava, muito justamente, como familiar. O dr. Carlos Carreiro, que conheci pessoalmente, assumiu a direcção do jornal após ter sido co-director com o seu irmão, o dr. Manuel Carreiro (1905-1974), que também foi presidente, por duas vezes (1943-1944 e 1955-1962), da Câmara Municipal de Ponta Delgada e exerceu, igualmente, outras elevadas funções na vida pública e empresarial micaelense.

É oportuno referir que o dr. Manuel Carreiro, jurista, como o seu irmão, foi um dos melhores e mais competentes presidentes da principal autarquia concelhia açoriana. Por exemplo, foi num dos seus mandatos que a Câmara Municipal de Ponta Delgada adquiriu, em 1957, à família Andrade Albuquerque de Bettencourt, o Jardim António Borges, transformando-o em parque urbano aberto ao público, o que muito valorizou a capital da ilha de São Miguel. Aquele rico e vasto espaço botânico estava na posse de um ramo da família Andrade Albuquerque de Bettencourt, porque o criador, António Borges da Câmara de Medeiros (1812-1879), de seu nome completo, agrónomo, botânico, proprietário e político, foi casado com a sua prima pelo lado materno Maria das Mercês de Andrade Albuquerque de Bettencourt, não existindo filhos deste casal, pelo que a propriedade foi herdada pela referida família. O dr. Manuel Carreiro, jurista mas também jornalista e escritor, com vários livros publicados, empenhou-se, de facto, em valorizar a cidade e, com as suas reconhecidas diplomacia e educação, teve um diálogo muito frutuoso com os antigos proprietários do Jardim António Borges, com benefícios colectivos. Eu diria que o “Diário dos Açores”, onde este assunto foi então versado nas suas páginas, ajudou ao desfecho de tão bom “negócio” para a cidade e para os seus habitantes, que têm ali uma extraordinária zona de beleza e de lazer, em que, sem dúvida, a arte e a natureza se misturam maravilhosamente.

Após a morte do dr. Carlos Carreiro, a sua sobrinha, dr<sup>a</sup> Isabel Carreiro, assumiu a direcção do jornal, cumprindo uma tradição familiar de gran-

de prestígio, ao serviço da grei açoriana e dos seus mais legítimos interesses. No entanto, no plano prático, o jornal e Manuel Jorge Raposo, como chefe de redacção, confundiam-se, mesmo quando depois foi director-executivo João Silva Júnior, que deixou publicados neste antigo vespertino artigos muito valiosos, sobre temas diversos, com especial incidência nas tradições, costumes, turismo e história dos Açores.

O meu saudoso tio Luciano de Resende Mota Vieira, historiador, professor, jornalista e funcionário da entretanto extinta empresa de navegação marítima “Carregadores Açorianos” e também colaborador do “Diário dos Açores”, dizia-me sempre que Manuel Jorge Raposo foi “um bom aluno” da antiga Escola Industrial e Comercial de Ponta Delgada e que escrevia “muito bem”. Poderia ter sido muito mais do que foi, apesar de ter sido muito na imprensa açoriana, “escondido” na sua humildade de sempre. O nome de Manuel Jorge Raposo merece, por todas as razões, a maior consideração. Conheci-o bem, até porque foi pai do meu amigo Paulo Jorge Raposo, que faleceu muito novo.

A “Empresa do ‘Diário dos Açores’” foi, entretanto, vendida e associada à “Gráfica Açoreana, Lda”, proprietária do “Correio dos Açores” e do “Atlântico Expresso”, sendo que Américo Natalino de Viveiros, antigo deputado, governante e gestor público, detém uma participação muito significativa ou mesmo maioritária. Os acionistas merecem uma palavra de justo louvor por manterem em publicação o “Diário dos Açores”, com óbvias dificuldades, num tempo em que as novas tecnologias fazem uma concorrência muito grande, preservando um título histórico e garantindo postos de trabalho. O meu antigo colega e amigo Osvaldo José Vieira Cabral, após uma brilhante passagem pelo “Correio dos Açores” e uma não menos brilhante passagem pela RTP-Açores, dando mostras nos dois lados de um inegável talento, dá hoje ao jornal uma vida e um prestígio que todos reconhecem, como director-executivo, tendo como director Paulo Hugo Viveiros. Outros nomes passaram também pelo jornal, deixando, igualmente, uma marca muito positiva. Não posso deixar de citar aqui, nomeadamente, o nome de Manuel Moniz.

O “Diário dos Açores”, na dinâmica que as circunstâncias impuseram, já não funciona entre a Rua da Esperança e a Rua “Diário dos Açores”, que sentiram e sentem, com certeza, a ausência de tão prestimoso “morador”. Já não se ouve as impressoras na sua labuta diária, já não se vê tipógrafos à porta da oficina a fumarem em momento de merecido descanso e já não se vê pessoas a comprarem o jornal na papelaria adjacente. Ficaram uma recordação e uma memória, numa cidade em permanente transformação, sendo necessário registar as recordações e as memórias, para a história futura.

Dirijo a todos e a todas que fazem o “Diário dos Açores”, de que tenho sido um modesto colaborador, muitos sucessos e bom trabalho, em prol dos Açores

e do seu progresso. Quero, obviamente, o melhor, num tempo de cada vez maiores exigências e muitas dificuldades, em que a imprensa escrita sobrevive mais do que vive, sem que muitas vezes isso seja reconhecido, mas recordo sempre com saudade o “Diário dos Açores” nas suas antigas instalações, na Rua da Esperança e na Rua “Diário dos Açores”, onde, no primeiro andar, as salas do director e da redacção eram pequenos museus, com fotografias de antigos directores e colaboradores e recordações diversas de um jornal que faz parte da história dos Açores. De facto, com a saída do jornal daquela zona da cidade, tão perto do Santuário de Nossa Senhora da Esperança, onde se venera a secular imagem do Senhor Santo Cristo dos Milagres, a Rua da Esperança e a Rua “Diário dos Açores” nunca mais foram as mesmas. No entanto, tenho - e todos têm - esperança que este prestigiado e tão antigo jornal, verdadeira joia da imprensa açoriana e portuguesa, prossiga o caminho delineado pelo fundador, Manuel Augusto Tavares de Resende (1849-1892), de servir as nossas ilhas, em busca sempre do progresso e da felicidade, que todos os açorianos merecem.

A iniciativa de Manuel Augusto Tavares de Resende, numa época muito difícil e com muitas limitações técnicas, de fundar apenas com 21 anos de idade o “Diário dos Açores” é merecedora da maior admiração, constituindo um exemplo para os nossos dias, em que mesmo com muitas mais facilidades e maiores meios diversas organizações públicas e privadas não têm sucesso e falecem. O “Diário dos Açores”, o mais antigo jornal diário do arquipélago e que se publicou pela primeira vez a 5 de Fevereiro de 1870, foi dirigido pelo fundador até ao seu falecimento, deixando uma lição de perseverança e de inovação, uma ação que se insere no contexto da chamada “geração de ouro” açoriana, com a preponderância de José do Canto, intelectual, botânico e proprietário, que também criou um rico jardim, precisamente o Jardim José do Canto, que se mantém na posse de herdeiros e que está muito bem cuidado, podendo ser visitado pelo público.

Em 1892, após a morte de Manuel Augusto Tavares de Resende, assumiu a direcção do jornal o seu sobrinho, Manuel Resende Carreiro, que se manteve nessa função durante 47 anos, até falecer, em 1939, passando o “Diário dos Açores” a ser dirigido pelos seus filhos, o dr. Manuel Carreiro e o dr. Carlos Carreiro, que renovaram tecnicamente a publicação. Como há, de facto, muito mérito em toda a história - aqui referida de forma muito sucinta - do “Diário dos Açores”, desde há vários anos como matutino, a 9 de Junho de 1995 foi feito Membro Honorário da Ordem de Mérito. Se a Rua da Esperança e a Rua “Diário dos Açores” nunca mais foram as mesmas, com a mudança de instalações para a Rua dr. João Francisco de Sousa e novas soluções técnicas para o jornal, o mérito deste mantêm-se e reforça-se todos os dias, constituindo uma referência e um motivo de orgulho para todos nós, açorianos e portugueses. Muitos parabéns!